

Malm, Andreas. *A destruição da Palestina é a destruição do Planeta*. Tradução de Natalia Engler. 1. ed. São Paulo: Editora Elefante, 2024. ISBN 978-65-88465-57-5.

*Malm, Andreas. The Destruction of Palestine is the Destruction of the Planet. Translated by Natalia Engler. 1st ed. São Paulo: Editora Elefante, 2024. ISBN 978-65-88465-57-5.*

Luis Otávio Vilela da Cruz<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, SP, Brasil. E-mail: [louisvilella@gmail.com](mailto:louisvilella@gmail.com)  
ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-8416-1319>.

Resenha recebida em: 7 set. 2025 | Aceita em: 21 nov. 2025.



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

## RESUMO

O ensaio de Andreas Malm propõe uma interpretação radical e histórica da conexão entre o imperialismo fóssil e a destruição sistemática da Palestina. A partir do bombardeio britânico à cidade de Akka em 1840, o autor constrói uma linha contínua entre o uso militar do carvão, o colonialismo europeu e a política energética contemporânea, culminando no genocídio em Gaza. A presente resenha propõe uma leitura interdisciplinar da obra, dialogando com expressões culturais como o engajamento humanitário de *The Weeknd*, para pensar a centralidade da Palestina nas disputas por clima, território e justiça global.

**Palavras-chave:** Palestina. Colonialismo fóssil. Solidariedade cultural.

## ABSTRACT

Andreas Malm's essay offers a radical and historical interpretation of the link between fossil imperialism and the systematic destruction of Palestine. Starting with the British bombing of Akka in 1840, the author outlines a continuous thread connecting military coal use, European colonialism, and contemporary energy politics—culminating in genocide in Gaza. This review proposes an interdisciplinary reading of the book, in dialogue with cultural expressions such as The Weeknd's humanitarian engagement, to explore Palestine's centrality in global struggles for climate, land, and justice.

**Keywords:** Palestine. Fossil colonialism. Cultural solidarity.

A obra *A destruição da Palestina é a destruição do Planeta*, de Andreas Malm (2024), é uma intervenção teórica urgente, que articula, de modo incisivo, a interdependência entre colonialismo, energia fóssil e genocídio. Em 96 páginas densas, o autor sueco, referência incontornável no campo do ecossocialismo, propõe uma genealogia do que denomina “imperialismo fóssil”, conceito que desvela o entrelaçamento histórico entre a violência militar e a matriz energética baseada em combustíveis fósseis. O argumento é contundente: a Palestina, mais que território ocupado, é símbolo e laboratório de um sistema global que combina dominação racial, espoliação ambiental e negação da soberania popular.

O ponto de partida do ensaio é o bombardeio britânico à cidade palestina de Akka, em 1840, operação militar conduzida por embarcações a vapor movidas a carvão. Segundo Malm, esse episódio inaugural condensa o nascimento simultâneo da política moderna do carvão e da Palestina como alvo colonial. A escolha de um marco aparentemente técnico e localizado, permite ao autor construir uma linha de continuidade histórica que atravessa o Mandato Britânico, a criação do Estado de Israel em 1948, a ocupação militar da Cisjordânia e da Faixa de Gaza, os cercos sucessivos, e o atual colapso humanitário. A técnica se funde à estratégia: o poder de fogo não é apenas militar, é energético — e a energia, no mundo moderno, é imperial.

Para além da reconstituição histórica, Malm oferece uma chave de leitura estrutural. A ocupação da Palestina não é um fenômeno isolado, mas expressão concentrada de uma lógica global que transforma territórios inteiros em zonas de sacrifício. Em sua análise, Gaza deixa de ser exceção trágica para tornar-se um “mundo em miniatura” — uma espécie de microcosmo da catástrofe climática e política que assola o planeta. O autor sustenta que o controle sobre territórios é também o controle sobre fluxos energéticos. Essa premissa o conduz à crítica de um capitalismo que, para manter sua engrenagem fóssil, demanda cada vez mais guerras, cercos e estados de exceção.

Essa leitura radical dialoga com autores como Achille Mbembe (2016), que concebe o conceito de necropolítica para analisar os regimes de poder que decidem quem deve viver e quem pode morrer. Para Malm, o necropoder em Gaza não é apenas uma tática política: é um subproduto do modo de produção energético. As bombas lançadas sobre a população palestina são alimentadas por gás e petróleo, fontes que também aquecem o planeta. Assim, a destruição da Palestina e o colapso climático não são apenas paralelos, são estruturantes e mutuamente reforçados.

Outro aporte teórico relevante para compreender a proposta de Malm está na obra de Naomi Klein especialmente; *Isso muda tudo: capitalismo vs. clima* (2015). Klein argumenta que a crise ecológica não pode ser resolvida sem a ruptura com o modelo neoliberal e extrativista. Malm parece levar esse argumento adiante, ao afirmar que o imperialismo fóssil não é apenas uma consequência do capitalismo, mas seu alicerce logístico e militar. Não por acaso, Israel é retratado não apenas como uma potência regional, mas como ponta de lança da tecnopolítica energética do Ocidente. Segundo o autor, o aparato de vigilância, drones e infraestrutura de contenção desenvolvidos na Palestina são exportados para outras zonas de conflito, transformando o território ocupado em vitrine global da guerra climática.

Importante destacar que Malm não busca neutralidade acadêmica. Sua escrita é incisiva, marcada por uma postura de confronto com o *status quo*. Isso aproxima seu texto da tradição dos manifestos políticos, como observa também Bruno Latour (2021) ao comentar a necessidade de abandonarmos a falsa pretensão de objetividade diante do colapso ambiental. Para Malm, o intelectual engajado deve assumir posição clara — e sua posição é inegociável: ao lado da Palestina, contra o império fóssil.

Nesse sentido, a resenha aqui apresentada propõe uma leitura interdisciplinar da obra, ampliando seus efeitos de sentido ao dialogar com expressões culturais contemporâneas. É nesse ponto que se insere, de forma suplementar e estratégica, a atuação do artista canadense *The Weeknd*. Em 2023 e 2024, Abel Tesfaye (nome de nascimento do cantor) doou mais de 4 milhões de dólares em apoio à população de Gaza por meio do Programa Mundial de Alimentos da ONU. Embora pareça gesto isolado, sua importância simbólica é imensa; em um cenário global de omissão institucional, a solidariedade cultural se impõe como voz dissonante.

A filantropia de celebridades costuma ser vista com desconfiança — e com razão. Porém, no caso de *The Weeknd*, há um elemento diferencial: sua atuação articula arte, visibilidade e denúncia política. Em entrevistas e redes sociais, o cantor fez questão de nomear a Palestina e criticar os ataques a civis, postura que contrasta com o silêncio ensurdecedor de outras figuras públicas. Trata-se, como define Gilroy (1993), ao falar sobre o “Atlântico Negro”, de uma forma de ativismo diaspórico, que conecta lutas antirracistas globais por meio da arte e da performance.

A presença de *The Weeknd* na resenha não tem a função de desviar o foco da análise da obra de Malm, mas de ampliar sua recepção. Sua atuação é aqui interpretada como exemplo de “diplomacia cultural”, termo cunhado por Milton Santos (2000) para pensar os modos como a cultura pode funcionar como forma alternativa de enfrentamento político. Quando um artista pop de alcance mundial associa sua imagem à defesa da Palestina, ele transforma sua fama em capital político, capaz de mobilizar audiências e deslocar sensibilidades. Isso é ainda mais potente quando articulado a uma crítica estrutural, como a proposta por Malm.

No campo das ciências sociais, diversos estudos têm apontado o papel da cultura pop na construção de imaginários políticos. Autores como Henry Jenkins *et al.* (2016) discutem a ideia de *civic imagination*, ou imaginação cívica, para descrever como produtos midiáticos (séries, músicas, performances) podem engendrar formas alternativas de pertencimento e ação. Nesse sentido, a presença de *The Weeknd* no debate sobre Gaza funciona como catalisador de uma memória coletiva e de uma indignação compartilhada.

A crítica de Malm ganha, assim, uma dimensão comunicacional relevante. Ao conectar colapso ecológico, guerra e cultura, o autor não apenas denuncia estruturas de poder, mas convoca à reorganização das formas de sentir, narrar e agir. Sua proposta exige mais do que diagnósticos, requer posicionamento. E o posicionamento, hoje, passa também pelas linguagens da arte, do afeto e da imagem. A resenha, ao incorporar esse eixo, pretende expandir o campo de recepção da obra sem diluir sua densidade teórica.

Se a Palestina é o epicentro da catástrofe, como sugere Malm, ela também pode ser o centro de uma nova cartografia da resistência. Uma resistência que não se limita às trincheiras políticas formais, mas que atravessa estúdios de música, redes sociais, ONGs e universidades. Entre ativistas e artistas, entre teoria crítica e práticas humanitárias, abre-se a possibilidade de uma frente ampla contra o colapso planetário. É nesse ponto que o gesto de *The Weeknd* deixa de ser apenas exceção e se transforma em sinal. A arte, quando consciente de sua potência, pode ser parte da resposta.

Por fim, *A destruição da Palestina é a destruição do Planeta* não é apenas um título provocador. É uma síntese contundente de uma realidade que muitos se recusam a ver. Ao desnaturalizar a ligação entre guerra e energia, ao expor a lógica extrativista do capitalismo fóssil e ao posicionar a Palestina como espelho do mundo, Andreas Malm entrega uma obra que exige ser lida, debatida e atualizada. Ao dialogar com práticas culturais como a de *The Weeknd* e teorias

contemporâneas da crítica anticolonial, esta resenha buscou mostrar que o livro não é um fim em si mesmo, mas um convite à ação. Afinal, reconstruir o planeta implica reimaginar (e reconstruir) a Palestina — e isso começa também pela escuta atenta das vozes que ecoam do palco, das trincheiras e das páginas insurgentes da teoria.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Gilroy, P. (1993). *The Black Atlantic: Modernity and Double Consciousness*. Cambridge (Massachusetts): Harvard University Press; Londres: Verso Books.

Klein, N. (2015). *This Changes Everything: Capitalism vs. the Climate*. New York: Simon & Schuster.

Jenkins, H.; Shresthova, S.; Gamber-Thompson, L.; Kligler-Vilenchik, N.; Zimmerman, A. (2016). *By Any Media Necessary: The New Youth Activism*. New York: New York University Press.

Latour, B. (2021). *After Lockdown: A Metamorphosis*. Cambridge (Mass.): Polity Press.

Mbembe, A. (2019). *Necropolitics: Theory in Forms*. Durham (NC): Duke University Press.

Santos, M. (2000). O papel ativo da geografia: um manifesto. *Revista Território*, São Paulo, 5(9), p. 103-109.